

Urbanização de Salvador em debate

Já estão abertas as inscrições para o III Seminário e Exposição *A Urbanização de Salvador em três tempos: Colônia, Império e República*, que acontece de 13 a 15 de setembro, das 14h às 18h, na sede do Instituto. Temas como *O Problema Habitacional da Cidade do Salvador: 1920-1940* e o lançamento dos anais das primeiras edições do encontro integram a programação. A inscrição deve ser feita pelo e-mail

seminario@ighb.org.br. Em palestra realizada no dia 4 de agosto, o geólogo Rubens Antônio da Silva Filho demonstrou, por meio de uma série de fotomontagens, as mudanças paisagísticas de Salvador desde o século XVI até a atualidade, nos trechos entre o bairro da Ondina, na orla marítima, e Água de Meninos, na Cidade Baixa. O resultado da explanação denunciou a degradação do Patrimônio Histórico da cidade.

“Lamentavelmente, o senso de Patrimônio está desmoronando. A inércia é absurda a todos os níveis de governo. Olhe a mata que ficava no finado Clube Espanhol, os rios dos Seixos/Centenário, Bonocô, Camurujipe, as antigas fontes da cidade, a destruição anunciada do jardim central da Paralela, tudo debaixo das nossas ventas. É lamentável vermos tudo isto sendo destruído. Devemos lutar pelo que é nosso”.



Fotos panorâmicas da Cidade de Salvador 1900 - 2000. Extração e fotografia por José Spinola

Estante

Publicações à venda na Biblioteca Ruy Barbosa ou pelo site www.ighb.org.br



Bahia, 1798 do professor e escritor Luis Henrique Dias Tavares aborda a Revolução dos Alfaiates. Traz ilustrações do artista premiado Cau Gómez, com projeto gráfico de Sergio Tavares.

02 de Julho na Bahia: Antologia Poética, da professora Lizir Arcaño Alves, é uma antologia composta de poemas sobre a maior data cívica do Estado, pesquisados e comentados pela autora.

Abreviaturas: Manuscritos dos Séculos XVI ao XIX, da professora Maria Helena Ochi Flexor, reúne mais de 33 mil abreviaturas, sinais e expressões, especificando os seus diversos significados.

Embarcações do Recôncavo: Um estudo de origens, do pesquisador Pedro Agostinho, é uma reedição do livro de 1973 e resgata a história das embarcações do Recôncavo Baiano. Em 2010, o saveiro Sombra da Lua foi tombado pelo IPHAN, por ser o mais original em circulação.

Jornalismo - Fonte e Opinião, do jornalista Sérgio Mattos, reúne 22 entrevistas concedidas pelo professor entre 1989 e 2010, a veículos de comunicação de diversas partes do país.

Livros adquiridos de janeiro a julho na Biblioteca Ruy Barbosa

- ✓ 200 anos da Associação Comercial da Bahia - Ubaldo Marques Porto Filho. Doação Associação Comercial da Bahia e Casa de Cultura Carolina Tabuada
 - ✓ A Bahia e seus governadores na República. Doação da Fundação Pedro Calmon
 - ✓ A imprensa reacionária na Independência - Sentinela bahiense - Consuelo Pondé de Sena
 - ✓ A infância esquecida. Salvador 1900 - 1940 - Andréa da Rocha Rodrigues. Doação Centro de Estudos Baianos
 - ✓ Catálogo de Obras Raras e valiosas da Coleção Luiz Viana Filho. Doação Senado Federal
 - ✓ Coleção sumária e as próprias leis, cartas régias, avisos e ordens que se acham nos livros da Secretaria do Governo - Caio Boschi
 - ✓ Colégio Antonio Vieira 1911-2011. Vidas e Histórias de uma missão jesuíta - doação Waldir Oliveira
 - ✓ De Collor a FHC: o Brasil e a nova (des)ordem mundial - Fernando Alcoforado. Doação do autor
 - ✓ Dicionário de termos gráficos: é o primeiro especializado em idioma português. Luis Guilherme P. Tavares. Doação do autor
 - ✓ Gravatá: a gazeta do agreste - Ricardo de Carvalho
 - ✓ Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano - Fernando da Rocha Peres (org.) Doação do Centro de Estudos Baianos
 - ✓ Guia dos museus brasileiros. Doação do Ministério da Cultura
 - ✓ História dos índios do Piauí - organização Claudete Miranda Dias e Patrício de Souza. Doação de Luiz Mott
 - ✓ História militar brasileira - Celso Castro, Vitor Izecksohn, Hendrik Kraay. Doação de Hendrik Kraay
 - ✓ Iconografia e bibliografia dos titulares do império, v.9 - Victorino C. C. de Miranda. Doação do autor
 - ✓ Jornalismo, fonte e opinião - Sérgio Mattos. Doação do autor
 - ✓ Mobiliário baiano - Maria Helena Flexor. Doação da autora
 - ✓ Octávio Mangabeira - Cartas do 1º Exílio (1930-1934) - Consuelo Novais Sampaio (org.)
 - ✓ Panorama econômico da Bahia - 1808-1960 - Waldemar Mattos. Doação da Associação Comercial da Bahia e ALBA
 - ✓ Povoamento da cidade do Salvador - Thales de Azevedo - Doação da Fundação Pedro Calmon
 - ✓ Quem pariu e bateu que balance! Mundos femininos, maternidade e pobreza Salvador, 1890 - 1940 - Alberto Heráclito Ferreira Filho. Doação do Centro de Estudos Baianos
 - ✓ Relação de festim - Jaime Nascimento e Hugo Gama
 - ✓ Semiário - Câmara dos Deputados, agosto 2010
 - ✓ Thales de Azevedo. Povoamento da cidade do Salvador. Doação da Fundação Pedro Calmon.
 - ✓ The church and convento of São Francisco in Bahia - Maria Helena Ochi Flexor; Fr. Hugo Fragosso, OFM. Doação de Maria Helena Ochi Flexor
 - ✓ Um projeto para o Brasil - Fernando Alcoforado. Doação do autor.
 - ✓ Vida e milagres de Frei Galvão: o 1º Santo Brasileiro - Armando Alexandre dos Santos Douglas CPS.
- * Todas as doações podem ser consultadas no site do Instituto, link publicações recebidas.*



Boletim Informativo

Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

Nova Série - Ano 10 - Nº 39, Janeiro a Agosto de 2011 - Site: www.ighb.org.br

Acervo de jornais precisa de restauração



Coleção do século XIX em deterioração
Foto: Miguel Teles

Nesta edição:

IGHB recebe Medalha 2 de Julho p. 02
Homenagens ao mestre José Calasans p. 03
Artigo de Franklin Machado sobre o Cordel Baiano p. 05
Setor de Geografia continua sem patrocínio p. 06
Waldir Oliveira fala do centenário do Colégio Antônio Vieira p. 07

Rio São Francisco

Entre os meses de setembro e outubro, sempre às quartas-feiras, o IGHB vai promover o curso sobre **O Rio São Francisco**, que será ministrado pelo especialista em recursos hídricos, engenheiro civil e sócio Manoel Bomfim Ribeiro. As inscrições, gratuitas, já estão abertas. E-mail curso@ighb.org.br, com vagas limitadas.

Para comemorar os duzentos anos de instalação da imprensa no Estado, o IGHB promoveu um ciclo de debates reunindo renomados especialistas, que discutiram os desafios do jornalismo impresso, televisivo, digital, além de comunicação organizacional. Na oportunidade, a professora Consuelo Pondé de Sena lamentou que a maior coleção de jornais do Estado, pertencente ao IGHB, precisa de urgente restauração. Sem recursos para conservar os periódicos, centenas deles sequer podem ser consultados pelos pesquisadores. “A situação é lamentável. Se não for restaurado, microfilmado e digitalizado, vamos perder a memória da imprensa baiana”, alerta a presidente. A hemeroteca possui doze dos principais jornais de circulação na Bahia, e conta com cerca de seis mil exemplares, alguns raros, como as coleções dos Diários da Bahia e de Notícias, Correio e Jornal de Notícias, do século XIX, metade dos quais se encontra em elevado processo de deterioração. Os principais vilões que ameaçam o acervo são a umidade das paredes, a

proliferação dos fungos, além da ausência de sistema de refrigeração adequado. Para evitar a perda maior do patrimônio, o Instituto tem executado a encadernação dos exemplares mais recentes, através do projeto Fortalecimento das Ações Culturais, patrocinado pela Secretaria de Cultura/Fundo de Cultura. “O que necessitamos é de uma avaliação técnica da situação do acervo, apesar de constatarmos que a maioria possui tratamento inadequado, por ausência de estrutura”, informa a bibliotecária Maria Augusta Cardozo. A expectativa da professora Consuelo Pondé é que com o tombamento do Instituto, a cargo do Ipac, e previsão de assinatura do documento de início para 13 de setembro, será possível encontrar financiadores em apoiar projeto específico para o gerenciamento da hemeroteca.

Coleção do IGHB

A Tarde (1913...)
Correio da Bahia (1979...)
Correio de Notícias* (1892-1896)
Diário de Bahia* (1856-1957)
Diário de Notícias* (1875-1980)
Diário Oficial (1915...)
Estado da Bahia (1933-1969)
Jornal da Bahia (1959-1994)
Tribuna da Bahia (1969...)
A Bahia (1896-1911)
Gazeta do Povo (1907-1913)
Jornal de Notícias* (1880-1918)
**sem condições de manuseio*

EXPEDIENTE

Jornalista responsável e projeto gráfico: Cleide Nunes (Drt 2750);
Consultores de pauta: Consuelo Pondé de Sena (presidente) e Sérgio Mattos (sec. financeiro adjunto)
Impressão: Gráfica Contraste - Tiragem: 1.000 exemplares - Apoio: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia
Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: Avenida 7 de Setembro, 94 A - Piedade, Salvador - BA - Brasil - CEP 40060-001
Tel. 71 3329 4463/6336 Site: www.ighb.org.br E-mail: ighb@ighb.org.br



Casa da Bahia recebe medalha 2 de Julho



Fotos e informações da Secom-BA

O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia foi uma das instituições agraciadas com a medalha da Ordem 2 de Julho - Libertadores da Bahia, o mais alto grau do título criado em honra aos que contribuíram para a consolidação da Independência do Brasil no Estado. A cerimônia, realizada no dia 1º de julho, no Palácio Rio Branco, contou com as presenças de diretores e sócios do IGHB. Os primeiros agraciados da sessão foram os historiadores Cid Teixeira e Luís Henrique Dias Tavares. Também receberam a honraria, as instituições: Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, do município de Cachoeira, a Associação Comercial da Bahia e a Associação Baiana de Imprensa. Segundo o governador, o título foi criado para que os baianos reverenciam os

bons exemplos da história. “Hoje, nós homenageamos duas pessoas e quatro instituições que contribuíram para a preservação das nossas tradições. Assim, creio que faço o que há de melhor para o povo baiano - reverenciar a memória e o heroísmo do povo do 2 de Julho, que consolidou a Independência do Brasil aqui na Bahia”. Para Cid Teixeira, a medalha é uma forma de comemorar a data da Independência. “Eu acho muito importante que o poder público não deixe morrer o entusiasmo popular. É comovente ver, no trajeto do caboclo e da cabocla, casas de gente pobre com ornamentação. É muito bonito ver que o poder público também ingressa nessa festa da comemoração da Independência”. A professora Consuelo Pondé de Sena também

agradeceu o diploma e a medalha durante as comemorações da maior data cívica do Estado, no Panteão da Lapinha. “O governador acaba de retribuir o que a Casa da Bahia tem realizado ao longo de 117 anos de vida útil, significando, com o gesto magnânimo, o reconhecimento do Governo, da sua gente e dos que reverenciam o brilhante desempenho da instituição na defesa e preservação dos ideais da

liberdade e da independência”. A Ordem 2 de Julho foi instituída pela Lei 11.902, de 20 de abril de 2010, e regulamentada pelo Decreto 12.226, de 1º de julho. A homenagem é simbolizada por uma medalha, em seus três graus de importância - Grã-Cruz, Comendador e Cavaleiro. O ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, foi a primeira personalidade a receber a medalha, em 2010.



Consuelo Pondé de Sena recebe a medalha e diploma das mãos do Governador Jaques Wagner

100 anos do Colégio Antônio Vieira

“Colégio Antônio Vieira – 1911/2011: Vidas e Histórias de uma Missão Jesuíta” é o título da publicação especialmente encomendada ao professor, historiador, acadêmico e sócio do IGHB, Waldir Freitas Oliveira, que - em parceria com Edilece Souza Couto - registrou a trajetória de uma das mais sérias instituições de ensino do nosso Estado. Nesta entrevista, o ex-professor do Vieira traz detalhes da pesquisa e do livro.

Boletim - Por que escrever a história de um colégio como o Antônio Vieira?
Waldir Oliveira - Senti-me muito honrado com o convite do Padre Domingos Mianulli, Diretor do Colégio Antônio Vieira, para escrever a história do CAV e também alegre por haver sido o CAV o colégio onde praticamente iniciei minha vida como professor do ensino médio, em 1954, ali tendo permanecido, ensinando Geografia, por mais de dez anos.

Boletim - Outros colégios baianos devem buscar enaltecer a sua história?
WO - Ensinei nos Maristas, ao tempo do Irmão Aquiles. São os Maristas tão antigos na Bahia, quanto os Jesuítas. E o Colégio do Canela tem uma História que precisa ser contada. Como, por exemplo, é preciso contar a do Colégio Sofia Costa Pinto, localizado no Corredor da Vitória, onde fui também professor de Geografia, ao tempo de Pedro Tenório, exemplo máximo de educador. Também a Escola Nova de Suzana Imbassahy; e a Escola Modelo, de Helena Mateus, entre outros, como o Carneiro Ribeiro, o São Salvador, o Ipiranga.... Há muito ainda a ser feito. Desejo que o livro que escrevi, junto com Edilece Couto, desperte nos responsáveis pela História da Educação na Bahia, o desejo

de resgatar a memória de tantos estabelecimentos de ensino que desempenharam no passado da Bahia, papel muito importante. E mais que todos, desejo que surja quem queira patrocinar o livro que contará a história do Instituto Baiano de Ensino, de Hugo Baltazar da Silveira, onde fiz meu curso de ginásio, de 1939 a 1942.

Boletim - O que diferencia o Vieira dos outros?
WO -Tenho a certeza de que o Colégio Antônio Vieira, por sua estrutura e seu aspecto principal missionário, continua a ser o mais importante colégio particular do ensino secundário que já existiu na Bahia. Tão importante quanto os tradicionais colégios do século XIX - o de Abílio Cesar Borges e o de João Estanislau da Silva Lisboa, o assassino apaixonado de Julia Fetal, o homem da “bala de ouro”. A História da Educação na Bahia ainda não foi contada de modo completo. Ainda há muito a fazer.

Boletim - Como foram desenvolvidas as pesquisas desse trabalho?
WO -Nunca escrevera antes a História de um Colégio. Esta foi a primeira vez. Pensei antes de começar a escrevê-la, num

esquema visando situar o CAV dentro de três círculos - o local, situando-o na História da Bahia, o nacional, exaltando o papel dos jesuítas como educadores, no Brasil, e finalmente, o mundial, expondo como atua a Companhia de Jesus, em escala universal. Meu livro não trata, portanto, apenas da História do CAV na Bahia; procura também inserir a Companhia de Jesus no contexto nacional brasileiro, tanto quanto no contexto maior da História da Igreja no século XX, acompanhando o desempenho dos Padres Gerais que dirigiram a Companhia de Jesus, a esse tempo.

Boletim - Numa época de resgate memorialista da Bahia, quais temas devem trilhar por este caminho?
WO -É tão grande a lista de temas que estão esperando virem ainda a ser tratados, que não irei relacioná-los. Eles não foram tratados até agora, pela incapacidade de ver mais longe, dos responsáveis pelos rumos a serem dados à cultura

baiana. Não quero discutir isso. Desejo acentuar, contudo, que a Bahia possui uma complexidade estonteante. Não existe uma cultura baiana; existem culturas baianas. Não existe também uma cultura negra. Como não existe uma cultura africana. Falar de cultura, no singular, somente em teoria se poderá fazer. Fui Professor de História da Cultura, na UFBA, e bom professor (que o confirmem os que foram meus alunos!), durante mais de dez anos. Tenho autoridade para falar assim. Que me desculpem a ousadia; é que sei possuir o direito de dizer o que penso. Não sigo cartilhas nem aceito tutores de pensamento. Tenho horror aos intransigentes e sectários. São pessoas menores frente aos meus olhos. Penso, logo existo, como disse Descartes. Direi melhor: Duvido, logo existo. E irei continuar assim pelo resto da minha vida.



Capa do livro e fachada do CAV: cem anos de trajetória

Foto: Comunicação CAV

Agenda e Curtas

Cordel e Literatura

Na semana do Folclore, o Instituto promove dia 25 de agosto, às 17h, a palestra *O Atual Cordel Baiano*, com o jornalista Franklin Maxado. Antes, dia 23, também às 17h, duas palestras integram o Ciclo *Preconceito na Fala, Preconceito na Cor*: "O preconceito das palavras africanas referente ao corpo e a sexualidade" (professor Abílio Mendonça, da Uneb) e "A liberdade como norma: a linguagem do povo na literatura brasileira" (professor Jesiel Oliveira - UFS e UFBA).

Antônio Vieira

No dia 30 de agosto, das 14h às 18h, o IGHB sedia uma mesa redonda em homenagem ao centenário de fundação do Colégio Antônio Vieira. Farão parte dos debates: Waldir Freitas Oliveira e Edilece Souza Couto (*A trajetória do Colégio Antônio Vieira*); Roberto Santos (*Depoimento sobre o Colégio do meu tempo*); Edivaldo M. Boaventura (*A República Portuguesa e o regresso dos jesuítas à Bahia*); e o Padre Domingos Mianulli, SJ (*O Colégio agradecido*).



Novo Associado

O historiador e professor do departamento de História da Universidade de Calgary, Hendrik Kraay, tomou posse no Instituto como sócio correspondente. De passagem pela Bahia, em junho e julho, pesquisou sobre o 2 de Julho e não perdeu nenhum detalhe da festa. No mesmo período, a Editora Hucitec lançou seu livro "Política racial, Estado e forças armadas na época da Independência: Bahia, 1790-1850", à disposição para consulta na Biblioteca.

IGHB sedia curso sobre história africana

Até outubro, sempre das 14h às 17h, às quintas-feiras, o Instituto sedia o curso de interação dos saberes sobre história e culturas africanas e afro-brasileira, coordenado pelo Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas (Ngealc), vinculado a Uneb. As aulas foram solicitadas por comunidades de terreiros de candomblé de Salvador, que mostraram interesse em ampliar o conhecimento sobre o continente africano, suas culturas e línguas. Diversos especialistas já ministraram palestras como as professoras Yeda Castro e Marli Geralda Teixeira.

Heróis da Revolta dos Búzios reconhecidos

Projeto de autoria do Deputado Federal Luiz Alberto (PT/BA) foi sancionado Lei 12.391/2011 pela presidenta da República, Dilma Rousseff. Por meio do documento, os soldados Lucas Dantas de Amorim Torres e Luís Gonzaga das Virgens e Veiga e os alfaiates Manoel Faustino Santos Lira e João de Deus do Nascimento, líderes da Revolta dos Búzios, condenados e enforcados na Praça da Piedade no dia 12 de agosto de 1798, foram incluídos no Livro dos Heróis Nacionais, conhecido como o "Livro de Aço do Brasil".

Acesse: www.institutobuzios.org.br

8º Conde dos Arcos e Associação Comercial

O casal D. Marcus de Noronha e Beatriz Costa desembarcaram de Portugal especialmente para a festa dos 200 Anos da Associação Comercial da Bahia, realizada no dia 15 de julho. Na ocasião, o Conde de Subserra lançou - no IGHB - o livro "D. Marcos de Noronha e Brito, 8º Conde dos Arcos, elementos para uma biografia". Foi Noronha e Brito quem

pediu ao Príncipe Regente, D. João, para que fosse criado um local destinado "ao corpo do comércio, onde tivessem lugar as transações, costumes e estilos da classe comerciante na Bahia". Solicitação aceita, em 15 de julho de 1811, iniciaram as obras para a construção do edifício da Associação, localizada na Praça Conde dos Arcos (Comércio).



D. Marcus Costa fala da biografia do 8º Conde dos Arcos

O atual Cordel Baiano

*Por Franklin Maxado

Jornalista, xilógrafo, compositor e poeta com vários livros publicados. É vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana

O Cordel na Bahia não morreu com Cuíca de Santo Amaro, Rodolfo Cavalcante, Minelvino Francisco e Antonio Vieira. Entre os vivos, atuantes e continuadores, estão Antonio Carlos Barreto, Jotacê Freitas, F. Maxado Nordeste, Caboquinho e João Ramos, além dos veteranos Antonio Alves da Silva e Antonio Bule-Bule. Há também uma nova geração com Osmar Machado Junior, Pardal de Jaguaripe, Jurivaldo Alves da Silva, Sergio Bahialista, Varneck Nascimento e Marco Haurélio.

Embora a Bahia não esteja incluída na lista de grandes nomes da Cantoria de repente, ela é berço de mais poetas de bancada marcantes, a exemplo de Antonio Teodoro dos Santos, de Erotildes Miranda e de tantos que aqui atuaram como o pernambucano João Ferreira da Silva e o sergipano Valeriano Felix dos Santos.

Entretanto, esses poetas populares baianos dificilmente são citados por estudiosos da Literatura de Cordel, que preferem escrever sobre o passado, sobre poetas de outros Estados ou sobre os que já faleceram. Assim, não se comprometem e não demonstram desconhecimento. Como tudo na vida muda, muitos poetas hoje atuam pela Internet ou surgem em eventos culturais, pois, a forma de vender os folhetos é diferente. Algumas

editoras publicam e diversas livrarias os vendem em antologias ou em avulsos. Algumas procuram o filão das escolas, uma vez que o Ministério da Educação incluiu na matriz curricular a Literatura de Cordel. Isso enseja o aparecimento de autores sulistas, às vezes, deturpando os cânones desta Literatura, segundo muitos puristas. Os folhetos desses poetas contemporâneos baianos raramente são encontrados na Banca dos Trovadores da Praça Cairu. São publicados artesanalmente e em pequenas tiragens. Para completar, os folhetos de Feira de Santana e demais cidades do interior não chegam até os leitores da capital e os turistas, por conta da concorrência, embora aquela estrutura fosse montada pela Prefeitura para divulgar os baianos, seus poetas, ilustradores e xilógrafos. Atualmente a Bahia tem grandes xilógrafos de Cordel: Luiz Natividade, Gabriel Archanjo e F. Maxado, seguindo a escola de ilustradores: Sinézio Alves e Minelvino Francisco. Apesar deles não serem muito conhecidos, seus trabalhos estão na rede mundial de computadores. Cordelistas mais novos usam muito este recurso para divulgar, publicar e vender, como é o caso do poeta baiano Gustavo Dourado, residente em Brasília.



O grande ponto para comercialização dos folhetos de cordel eram as feiras-livres. Elas, hoje, praticamente foram extintas pelos supermercados, comércio de vídeos, discos e cds. Isso sem contar os "shoppings centers" que fascinam e atraem pessoas para artigos de "grife" e, entre eles, não consta Cordel. O povo alienado e deslumbrado pelas "modernagens" deixa de

ler ou de adquirir objetos que remontam o seu passado tabaréu. Todavia, o Cordel e seus poetas vencem fronteiras e são solicitados por povos mais cultos, principalmente, o europeu. Afinal, ele é um dos traços do brasileiro descendente de portugueses, espanhóis, franceses, italianos, alemães, holandeses, ingleses e de outros povos onde o Cordel reinou e que aqui vive e atualiza-se.

Arquivo

Hino ao Senhor do Bomfim

Ao divulgar o Hino ao Senhor do Bomfim de 1923, comemorativo ao Centenário do 2 de Julho de 1823, o Arquivo Theodoro Sampaio traz, na explicação do professor e sócio Pablo Sotuyo Blanco, “porque foi tão bem aceito o hino de Wanderley e Salles, enquanto o de Wanderley e Moniz ficou esquecido?”. O artigo, na íntegra, pode ser conferido no site do IGHB.

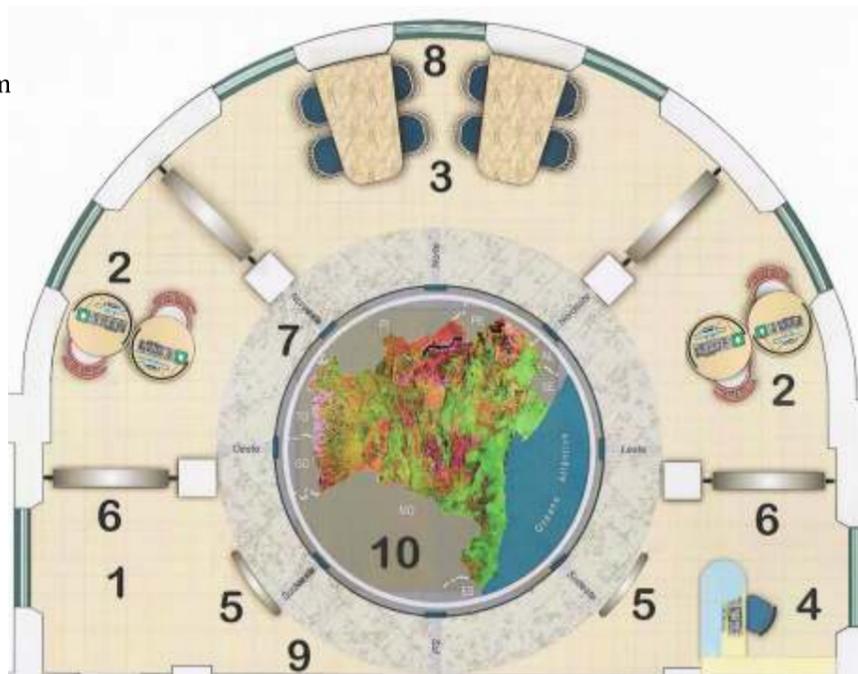


“A composição de Wanderley soube explorar musicalmente a poesia de Salles, construída com metro simples e homogêneo, cheio de referências diretas aos valores em voga na sociedade baiana, sejam do âmbito cívico, religioso ou até do imaginário coletivo. Infelizmente o poema de Moniz na música de Wanderley não poderia sobreviver à difícil conjuntura de ter sido criado sem âmbito de recepção pré-definido. Não poderia competir com o de Salles no âmbito secular popular, nem com o de Domenech, que tão bem atende as necessidades musicais devocionais do novenário do Nosso Senhor

do Bomfim na Sagrada Colina itapagipana. Ficou assim, apenas, como uma curiosidade musicológica de cunho histórico-musical. Mudo testemunho documental dos cruzamentos detectados entre as estratégias de auto-promoção do compositor João Antonio Wanderley e as acima referidas “injunções políticas e religiosas”, nesta terra da Bahia onde não houve dias de indulgência suficientes para fixar esse hino em repertório algum, nem popular nem religioso, sendo assim o único dos três hinos produzidos em 1923 a ter ficado no esquecimento”.

Setor de Geografia

O Setor de Geografia do IGHB ainda está sem patrocínio para a implantação de um dos maiores acervos cartográficos do Estado. Com 250 peças entre mapas desenhados, impressos e cópias heliográficas, os documentos cartográficos retratam diversos aspectos da geografia do país, estados da federação, com ênfase ao estado da Bahia, Cidade do Salvador e outros municípios. Todas as peças estão disponibilizadas em mídia digital, para consulta de estudantes, pesquisadores e comunidade. A restauração e digitalização do material contou com o apoio da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, mas de acordo com o coordenador do Setor de Geografia, arquiteto Guarani Valença Araripe, o projeto – orçado em 300 mil reais - ainda não recebeu apoio financeiro. Mais informações no e-mail setorgeografia@ighb.org.br



Maquete tridimensional: a utilização de uma maquete eletrônica possibilitará que estudantes, pesquisadores, instituições de ensino e comunidade tenham contato direto com a sua realidade, através da computação gráfica.

Recordando o mestre José Calasans

Entre os dias 16 a 18 de agosto, no Museu Eugênio Teixeira Leal, e nos dias 19 e 20, no Memorial Antônio Conselheiro, em Canudos, acontece a terceira edição do seminário que recorda o decênio da morte do historiador, folclorista e escritor José Calasans Brandão da Silva. Um dos objetivos é estimular os estudos e pesquisas sobre a história, a memória e a cultura do Nordeste. Na extensa programação do

encontro, consta uma conferência de Consuelo Pondé de Sena, mesas-redondas como *José Calasans: o historiador e o intelectual, Cinema, História e Memória, Guerreiros e Meninos de Belo Monte e Bahia Rebelde*, homenagem ao historiador Luis Henrique Dias Tavares, apresentações musicais e lançamentos de documentários sobre a vida do mestre Calasans. Mais informações no site www.uneb.br/seminariojosecalasans



Traços da vida e obra do homenageado são destaques



Mesa de debates: Manoel Neto, Sylvio Marback, Roberto Santos, Afonso Maciel Neto e Joseânia Freitas. Na ocasião, foi inaugurada placa de homenagem a Calasans

Em maio deste ano, mesa redonda promovida pelo IGHB fez amigos, familiares e admiradores recordarem traços da vida e obra de Calasans. O ex-governador e presidente de honra do Instituto, doutor Roberto Santos, destacou a importância do mestre. “Sem dúvida alguma, ele foi uma das figuras maiores da Universidade Federal da Bahia. Autêntico professor universitário e expositor excepcional era, sobretudo, um orientador, capaz de entusiasmar as vocações dos jovens direcionados à história”. Representando a família do homenageado, Afonso Maciel Neto pontuou que dedicação a família era uma

das características mais marcantes do cunhado e amigo. “Extremamente atencioso, envolvia a todos com sua afeição e carinho. Homem de diálogo, suas conversas eram cheias de tiradas humorísticas. Ninguém poderá dizer que a memória de Calasans tenha sido esquecida no decênio de sua morte”. Também apresentaram depoimentos, o vice-presidente do Instituto, Sylvio Marback, o pró-reitor da Uneb, Luiz Paulo Neiva, e os professores Manoel Neto, Joseânia Freitas e Consuelo Novais Sampaio. No encerramento da sessão foi lançado o 3º volume da coleção Memória da Bahia, uma publicação em livro do ciclo de palestras

organizado pelo professor José Calasans entre 1985 e 1995, no Museu Eugênio Teixeira Leal. **Traços biográficos:** José Calasans Brandão da Silva nasceu em Aracaju, em 14 de julho de 1915, falecendo em Salvador, em 28 de maio de 2001. Formou-se em Direito e dedicou a vida acadêmica aos estudos da história e do folclore. Foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Vice-Presidente e Secretário do IGHB, professor emérito da Ufba, presidente do Conselho Estadual de Cultura, presidente da Academia de Letras da Bahia, do Rotary Clube da Bahia, dentre outras. Casou-se, em 1942, com Lúcia Margarida Maciel

da Silva com a qual teve dois filhos: José, morto ainda muito jovem e Maria Madalena, psicóloga. Publicou diversos trabalhos, destacando-se: *Cachaça moça branca* (1951); *A santidade de Jaguaripe* (1952); *No tempo de Antonio Conselheiro* (1959); *Miguel Calmon Sobrinho e sua época* (1992). “O que cumpre ressaltar, acima de tudo, como iniciativa pioneira de Calasans, é precisamente a dimensão que ele atribuiu a Guerra de Canudos e de ter estimulado inúmeros pesquisadores a explorar o rico veio desses estudos. Generoso e desprendido como raros, doou a Universidade Federal da Bahia, em agosto de 1983, toda a documentação que reunira sobre Antonio Conselheiro, a Campanha de Canudos, os Sertões e Euclides da Cunha, a partir de cuja dívida foi instituído o Núcleo Sertão, do Centro de Estudos Baianos da UFBA”, complementa a professora Consuelo Pondé.